

MAPAS ARADOS: O TORTO E O REMENDADO ENTRE A GEOGRAFIA E A LITERATURA.

Rodrigo Emídio Silva¹

RESUMO

Os romances *Torto Arado* e *O Colecionador de Botões e a Menina que Gostava de Mapas* remendados são apresentados neste trabalho como possibilidades para mediação entre a literatura e geografia. Estes dois romances possuem marcas estilísticas distintas, mas se aproximam no léxico das categorias geográficas. Foram escritos por dois geógrafos brasileiros. Há um interesse emergente pela literatura entre geógrafos e geógrafas tanto na pesquisa acadêmica, quanto na própria escrita e produção literária. Apresenta-se, nesse contexto, novas incursões epistemológicas e estéticas que consolidam uma ciência geográfica que flerta com a imaginação, a sensibilidade e o desejo por uma escrita criativa. Nesta perspectiva, as tensões, entre as personagens e os respectivos espaços da narrativa romanesca, criam ambientações que entrelaçam personagem, trama narrativa e leitor. A ambientação romanesca reticula o ecúmeno narrativo, há uma complexa rede de signos que desenrolam nas imagens literárias.

Palavras-chaves: literatura, narrativa, espacialidades, escrita, geografias

ABSTRACT

The novels *Torto Arado* and *O Colecionador de Botões e a Menina que Gostava de Mapas* are presented in this work as possibilities for mediation between literature and geography. These two novels have different stylistic marks, but they are similar because they move through the lexicon of geographic categories. They were written by two Brazilian geographers. There is an emerging interest in literature among geographers and geographies both in academic research and in writing and literary production itself. In this context, new epistemological and aesthetic incursions are presented that consolidate a geographical science that flirts with imagination, sensitivity and the desire for creative writing. From this perspective, the complexities between the characters and their respective spaces in the novel narrative create environments that intertwine character, narrative plot and reader. In the reticular novelistic setting or narrative ecumene, there is a complex network of signs that extends into literary images.

Keywords: literature, narrative, spatialities, writing, geography

INTRODUÇÃO

Propõe-se pesquisar *Torto Arado*, de Itamar Vieira Junior, e *O Colecionador de Botões e a Menina que Gostava de Mapas Remendados*, de Jader Janer. Esses romances foram escritos por dois geógrafos brasileiros. A partir destes livros-objetos pretende-se explorar as

¹ Mestre em Geografia Humana pelo Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutorando em Geografia pelo IESA. Email: rodrigo.emidio02@gmail.com

interlocuções entre a geografia e a literatura. Na incursão do interesse pela literatura, Jader Janer e Itamar Vieira Junior escrevem romances em que suas tramas sustentam na ambientação entre personagens e espaços. São narrativas distintas, *Torto Arado* (2018) tem uma estética literária realista: as paisagens são bem descritas. A casa, o rio, a roça, o quintal, os rituais do Jarê e a estrada estão espacializados para dar sentido e sustentação para a construção das histórias. Definimos como um romance telúrico.

O Colecionador de Botões e Menina que Gostava de Mapas Remendados (2017) é lúdico romance infanto-juvenil das categorias geografias. Nele, a cidade, as ruas, as esquinas e as lojas esvaecem com a nitidez: as imagens da narrativa carregam um sombreado da fantasia. O onírico permeia-o, abrolha uma geografia da infância imaginativa que remenda mapas com os botões, pequenos fragmentos do mundo e por eles vê-se além dos morros. É uma narrativa etérea.

Apresenta-se, nesse contexto, novas incursões epistemológicas e estéticas que consolidam uma ciência geográfica que flerta com a imaginação, a sensibilidade e o desejo por uma escrita criativa. As correntes da Geografia Humanista e Fenomenológica trazem contribuições significativas para os estudos sobre o diverso campo de arte e retomam o interesse para as experiências e sensibilidades e a dimensão do vivido. Suzuki (2017) ressalta a pluralidade de perspectivas para esse campo de estudo: as narrativas, o imaginário, o simbólico e o linguístico apresentam-se como profícuas possibilidades.

Amorim (2015) sustenta a importância dos estudos literários no campo da geografia, defendendo a ideia de que o geógrafo perdera seu espírito aventureiro e com isso a habilidade de observação. E o caminho de uma geografia contemporânea é o de retorno aos clássicos e, sobretudo, uma sensível guinada para as experiências e os fenômenos. As artes, como um todo, oferecem uma amplitude de elementos estéticos e narrativos que fecundam a leitura dos espaços.

No campo institucional dos debates acadêmicos, durante o IX Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ENANPEGE), no ano de 2011, na cidade de Goiânia, Goiás, um grupo de professores-pesquisadores composto por Eguimar Felício Chaveiro (UFG), Júlio César Suzuki (USP) e Cláudio Benito Oliveira Ferraz (UNESP), organizou o Grupo de Trabalho Geografia e Literatura: interlocuções possíveis. A proposta metodológica desse grupo de Trabalho seria explorar as experiências e interlocuções entre literatura e geografia e debater como o geógrafo faz uso, nos estudos literários do simbólico e linguístico, da imaginação e da estética.

GEOGRAFIA E LITERATURA: O ENCONTRO.

As aproximações entre a Geografia e Literatura colocam em pauta a importância da linguagem e o entrançar do mundo do conceito ao mundo da experiência humana. E, portanto, a narratividade literária carrega dramaticidade. É conteúdo da vida que se imbrica na experiência do espaço e na linguagem, pois espaço e texto são marcas sociais e existenciais. De acordo com Chaveiro (p.44, 2015), “Como arte do dizer na forma da palavra escrita, a literatura é, também, uma voz sobre o real. A ficção conta com a imaginação criadora, mas o sujeito que escreve o faz porque é um ser-do-mundo”.

O livro *Geografia, Literatura e Arte: Epistemologia, Crítica e Interloquções*, publicado em 2016, organizado por Júlio César Suzuki, Angelita Pereira de Lima e Eguimar Felício Chaveiro, traz uma coleção de textos que se abre para diversas possibilidades para os estudos nos campos da Geografia e Literatura. Alguns artigos trazem implicações epistemológicas e ontológicas para pensar os possíveis diálogos desses dois campos. Inclusive com retomadas para a importância de movimentos filosóficos, estéticos e literários na construção da ciência geográfica moderna. Em oposição às condições objetivas que marcavam o pensamento geográfico, Eric Dardel, em 1952, escreve *O Homem e a Terra*, uma obra que ficou esquecida por muitos anos e foi o primeiro diálogo entre a geografia e a fenomenologia. A geograficidade é o resultado da relação entre tempo e espaço, é marca da existência em níveis amplos e profundos do ser com o espaço. Com sensibilidade, Dardel sublinha que (2015, p.40) “É desse lugar, base da nossa existência, que, despertando, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audaciosos ou circunspectos, para trabalhá-lo”. O lugar é a ponte da consciência que liga ser e mundo, cujo cimento é simbólico e as estruturas férreas são afetivas.

A literatura está presente em *O Homem e a Terra*, as paisagens literárias e o lugar, no sentido topofílico, tornam-se possibilidades para o labor geográfico. Há uma presença marcante de citações literárias do romantismo europeu, como dos poetas Johann Wolfgang von Goethe, Rainer Maria Rilke. O geógrafo dardeliano é um viajante que encontra ecos na experiência e na literatura. E sobre a influência de Dardel, Jean Marc-Besse (2014a), (2014b) contribui para os estudos literários, escrevendo sobre a poesia de Goethe e Petrarca. Retoma as marcas do racionalismo e romantismo alemão na consolidação da ciência geográfica.

Nessa perspectiva, as questões e tensões geográficas se elucidarão na construção desses dois romances trabalhados neste artigo. Bakhtin (2011), por exemplo, salienta as tensões que existem entre o autor e as personagens. O autor é a consciência da consciência das

personagens, elas vivem nele, é o outro com todas as paisagens habitando o eu. Ainda em Bakhtin (2011), as verdadeiras paisagens no romance estão dentro das personagens. A paisagem não existe apenas para olhar, ela é a intersecção do ser no mundo e do mundo no ser. As formas físicas são percorridas pelas lembranças, medos e desejos. Nesta chave, afirma Dardel (2015, p.30) que “a paisagem se unifica em torno de uma tonalidade afetiva dominante [...]. Ela coloca em questão a totalidade do ser humano, suas ligações existenciais com a Terra”.

A literatura é arte de narrar, e o literato escreve no desejo de transformar palavras em imagens. Benjamin (2012), no clássico texto *O Narrador*, ressaltou que os camponeses e os viajantes são exímios narradores. As histórias salpicam a imaginação, que se dilata nas aventuras de lugares longínquos ou no passado remoto. No entanto, a técnica acelerou o mundo, os labirintos urbanos tornaram-se espaços de sujeitos que introduziram o ritmo maquínico nos seus próprios corpos. A técnica nos deixou cada vez mais impacientes para as histórias. *Torto Arado* materializa-se nas vozes camponesas e *O Colecionador de Botões e Menina que Gostava de Mapas Remendados* apresenta poética de narrativa de viagens.

O ESPAÇO E A LITERATURA: ESTUDO SOBRE O ROMANCE.

O espaço é uma categoria ainda pouco explorada pela teoria literária. Desejamos, de forma ensaística, captar as tramas, as relações e tensões que as personagens elaboram com seus ecúmenos ficcionais. Osman Lins (1976), no livro *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*, evidenciou a categoria do espaço na constituição do romance, dedicou-se ao espaço romanesco e ambientação e apresentou algumas possibilidades para o romance ser lido pelo prisma espacial. As ambientações da narrativa literária, perpassados pelas dimensões do espaço, personagem e trama. A organização textual tece uma arquitetura rígida sobre a literatura.

A abordagem do espaço, no romance, como um ponto de referência ou a transposição simplista do referente na extensão ficcional. Os espaços romanescos são, por excelência, dimensões ficcionais. Podem ser rígidos, fluídos, descrições verossímeis e inverossímeis, é a realização da narrativa, seus territórios cravam as unhas na carne da linguagem. Ele está na técnica da escrita, nas múltiplas vozes narradoras e na imaginação do escritor. Jamais fora do texto.

A narrativa é inextricável, os seus enlaces refletem inúmeros outros. No entanto, pode-se isolar um dos seus aspectos na tentativa de mesurar como este projeta-se sobre os outros. Os estudos sobre espaço e tempo, no romance, ancoram-se na presença destas categoria

na construção das narrativas literárias. Tempo e espaço atém-se ao universo romanesco e não ao mundo, na sua dimensão material.

A literatura tem conexões indeléveis com o tempo, ela é uma arte temporal, o seu recinto de trama é o tempo. Salto, ritmo, anticlímax, troca de tempo, retrospecto e vidência manifestam a ação. E ainda temos o tempo psicológico, aqui a dimensão métrica e abstrata do tempo esvanece na profundidade alargada da subjetividade, emoções e fluxos de pensamento.

O espaço possui uma pluralidade de estudos. Em algumas narrativas, apresenta-se de forma tímida e os seus contornos são turvos, no entanto, mesmo de forma sutil, há uma problemática espacial que concentra o interesse dos personagens e suas respectivas motivações psicológicas. Nestes casos, os signos espaciais apresentam-se mais ou menos gerais, carentes e com significado histórico e sociológico.

Lins (1976) situa o espaço, como tema central, em algumas obras romanescas. Há o intuito de reforçar como manifesta-se na construção das narrativas literárias. O Castelo, de Kafka, reticula o espaço inacessível, no ambiente da ficção, pois é simbólico. A obra de James Joyce é labiríntica. E o labirinto dos reflexos e espelhos inaugura o surrealismo de Luís Borges. As viagens de Gulliver, a relação de Gulliver e o espaço proporciona a invenção dos países fantásticos, nasce uma toponímia singular, que nomeia o mundo inventado pela palavra. A viagem da imaginação. Claro, não podemos esquecer de Louis Carrol e o espaço imaginário e insólito de Alice. Estas evidências denotam as múltiplas faces do espaço. Ele é singular, inalienável na construção dos territórios sólidos da literatura realista e nas insurgências do fantástico.

Na trama, o espaço não se reduz às ações das personagens e suas reações. O espaço é a dimensão ontológica da emancipação das personagens. O herói caminha, a criança vasculha uma mala escondida. Há uma ordenação de fatores que o assegura num caráter de suporte, atmosfera e pano de fundo. Osman traz a pergunta: onde termina o personagem e começa o seu espaço? Esta pergunta é um silogismo espacial, onde, advérbio de lugar, nos traz a evidência que as personagens se situam, seus limites misturam-se às quinas espaciais.

Portanto, a separação apresenta dificuldades quando nos ocorre que mesmo a personagem é o espaço. O tempo psicológico de Bergson (2010), tão presente em Proust, transmutaria em espaço psicológico. Recordações, percepções, desejos, sensações e experiências flutuam em algo que, simetricamente ao tempo psicológico, designaríamos como espaço psicológico. Tudo na ficção sugere a existência do espaço - e mesmo a reflexão, oriunda de uma presença sem nome, evoca o espaço onde a proferem e exige um mundo no qual cobra sentido.

O romance transita na elaboração dos espaços físicos, sociais e na atmosfera. O detalhamento dos objetos, a descrição da cidade como um cenário, um pano de fundo encontra-se eco na condição do espaço físico do romance. As tensões humanas, os hábitos, a miséria, os relacionamentos humanos, as narrativas de opressão e as questões corroboram para a construção do espaço social no romance. A atmosfera vigora-se na ambientação dos personagens e seus espaços, é a alma do texto literário, constitui o ecúmeno romanesco. Apresenta-se o irreal, o mágico e o simbólico. Na atmosfera, o espaço subjetiva-se, torna-se, também, metáfora e alegoria. Os signos não estão em sua concretude, não há concretude. As paisagens invadiram os personagens, tornando-os também paisagens.

A linguagem literária fabula, o ecúmeno literário não se restringe exclusivamente aos espaços físicos dos livros. Os seus signos tomam o mundo do leitor com as imagens. Otávio Paz (2014) entende que a imagem literária é a terceira dimensão que nasce entre as imagens do texto e as imagens embutidas consciência leitora. É esta atmosfera da ambientação que nos leva, nos sopra à face e, sobretudo, nos sussurra em silêncio toda aquarela verossímil ou inverossímil do romance.

No ato escrever, para Paz (2014), a imagem procura a palavra para compor a analogia. A prosa é a composição da frase, a palavra sozinha não cria sentido de texto. A imagem é uma composição de frase. Nos poemas, imagens saem na dimensão da totalidade, não são isto ou aquilo. É isto e aquilo. Algumas palavras matam a frase, rompem a prosa, ferem o sentido. As palavras, claro, têm um valor, que reside no sentido que ocultam. Este sentido não é senão um esforço para alcançar algo que não pode ser alcançado pelas palavras. O sentido aponta para as coisas, assinala-as, mas não alcança jamais. Os objetos e as pessoas estão mais além das palavras.

O estudo de uma personagem estará incompleto se não investiga a sua caracterização. A técnica, os processos e os meios dão sentido a existência da personagem. Espaço e ambientação não são meros conceitos sinônimos, o primeiro é concebido pelas experiências do leitor; o segundo amplia-se na investigação dos recursos técnicos do autor e em um certo conhecimento sobre narrativa. A ambientação constitui nos processos conhecidos que podem provocar a narrativa. Sobre a ambientação podemos defini-la em três: franca, reflexa e oblíqua.

Ambientação franca manifesta-se a introdução pura e simples do narrador. O discurso avaliador do narrador reforça a franqueza cultural do escritor. Este estilo de ambientação realça quando o narrador também personagem. Compreende que o personagem-narrador, na ambientação franca, emprega-se tradicionalmente o eu. Portanto, as outras personagens são imagens refletidas na sua consciência. O observador-narrador observa o ambiente, revela-se no

seu discurso descritivo. Porém, o narrador observa o exterior e verbaliza, a ação evidencia o hiato entre o narrador e o ambiente. A narrativa em terceira pessoa, constitui a ambientação franca, quando o observador viola a objetividade descritiva e reage ante aos objetos descritos.

A objetividade descritiva na narrativa no narrador-personagem e a dimensão subjetiva na narração em terceira pessoa geram interrupções no fluxo narrativo. Estabelece a tensão entre o narrador e a paisagem e o corte entre a narração e descrição. Temos um problema. O autor realista, dentro do possível, ao inserir na ficção a descrição, deverá mesclar pela eficácia da linguagem a reprodução do estático mesclado aos elementos dinâmicos. Busca-se a narrativa verossímil das ininterrupções entre os elementos estáticos e dinâmicos.

A ambientação reflexa caracterizada das narrativas em terceira pessoa, evidencia a personagem. A personagem, na ambientação reflexa, ao assumir uma certa postura passiva e a sua reação, quando registrada, é sempre interior. As personagens são passivas. Os espaços agem sobre as personagens, suas descrições interferem sobre as experiências da trama e da constituição da personagem.

Tanto a ambientação franca como a reflexa são reconhecíveis pelo seu caráter compacto ou contínuo, formando verdadeiros blocos e ocupando, por vezes, vários parágrafos. Constituem unidades temáticas perfeitamente identificáveis: o ocaso, o desfile, a sala, a casa, a estação, e a cidade.

A ambientação dissimulada (oblíqua) é mais complexa, o espaço não se dá na dimensão estática e vazia. É relacional. A personagem é ativa constitui-se no fluxo narrativo com o próprio caminho das tramas. Nesta ambientação, ele não é dimensão dada em bloco narrativo, está encoberto, identifica-se na amalgama de espaço e ação. A personagem participa da descrição do espaço. A procura pela organicidade narrativa marca a ambientação dissimulada.

O espaço, a ação e as personagens tecem o drama das relações narrativas. A dinâmica relacional cria um vibrante ecúmeno narrativo. Paisagens não ordenadas e personagens enlaçam uma cartografia da existência. A consciência das personagens é consciência de do mundo textual, seus corpos-linguagem estão permeados pelas paisagens romanescas.

O ECÚMENO NARRATIVO: OS GEOGRAMAS DA LEITURA NA FENOMENOLOGIA DA VIDA.

Os conceitos de ecúmeno, na perspectiva fenomenológica, guiam-nos para entendermos as intersecções geradas entre as personagens e seus espaços. O ecúmeno, proposto

de Augustin Berque (2012), permite explorar a complexidade das relações entre os sujeitos e seus ambientes de vida, o *topos* do humano.

O mundo-referente da literatura é a própria linguagem, é a semiósis que traça a narrativa literária. E sua ambiência inscreve-se nas relações indissociáveis entre personagens e espaços, há um ecúmeno da vida. A trama literária, especialmente na ambientação oblíqua, transforma o espaço vazio em *topos*. Podendo ser topofílico, topofóbico ou topocídio.

Para Augustin Berque (2012) a relação ecumenal elabora o lugar, sendo um tema eco-tecno-simbólico. Somos grafados pela nossa existência na terra. O mundo possui uma composição espiritual que nos constitui. Os lugares grafam nos corpos e nossas almas. A experiência na terra nos leva ao fim do mundo e ao fundo do corpo.

Quando pegamos emprestado o conceito de Berque para estudar a literatura, acredita-se que seja necessário inscrever a linguagem no conceito de origem. Portanto, o lugar, dimensão êntica, consolida-se nos planos ecológicos, técnicos, simbólicos e semióticos. As palavras também nos levam ao fim do mundo e ao fundo do ser. Na ação da consciência imaginativa, a linguagem, este universo de palavras, sentidos e palavras sentidas, compõe o infinito dos signos-imagens.

Um romance é ecológico, é tecido nas relações. A escrita é a dimensão profunda e planejada linguagem, alia-se ao pensamento elaborado. A narrativa romanesca é técnica. Possui representações e imaginário, o romance é simbólico. É linguagem criadora de sentido, devaneio, deformação, tradição e ruptura, é signo apropriado e apropriando-se da consciência leitora, é semiótico.

Quando nascemos, há um ecúmeno que nos espera. Ele mudará com o choro da criança. Há um domínio ecológico, técnico e simbólico que nos recebe nos colos dos papais e mães. Quando um romance é escrito, há um ecúmeno externo que o receberá, haverá no seu corpo marcas da analogia e da ironia. Há, na sua narrativa, a tradição e, possivelmente, a ruptura estilística. Contudo, nos ateremos ao ecúmeno narrativo, esta ecologia do *topos* que se abre aos olhos do leitor.

A tentativa da ficção romanesca em elaborar o ecúmeno narrativo apresenta-se na ambientação franca, a narrativa cria um hiato entre as personagens e o espaço, há a descrição, mas o espaço é vazio, não possui espírito. É impreterivelmente externo às dimensões psicológicas das personagens. Ele recebe a trama, mas não é construído ou grafado pelos enlaces do enredo. A ambientação reflexa, as personagens tornam-se passivas. Estão presas, perderam a liberdade. O espaço transforma-se em o sujeito narrativo.

O autor, numa ambientação dissimulada (oblíqua), constrói o ecúmeno narrativo em que personagens e espaços misturam-se, apresentam-se, escondem-se, são corpóreos e espirituais. Não se sabe ao acerto quem nasce primeiro. O espaço mostra-se nas personagens, as personagens ocultam-se nos espaços. E o contrário também é possível.

Os signos criam o universo do texto, o texto forma e deforma as imagens captadas pelos leitores, somos conduzidos pelas vozes narradoras. Podem, também, nos jogar nos labirintos dos espelhos e pensamentos. Um leitor sonolento fecha os olhos, adormece por instantes, e continua a leitura sem o texto. Ouve os sussurros, sobrevoa o ambiente. Nesta fração de segundos, continua a leitura depreendido a dimensão escrita, Viaja. É levado.

O texto, com sua singular geografia, grafou seu leitor. Ele integra-se ao ecúmeno narrativo. Tornou-se palavra e devaneio. Existe uma cartografia semiótica de tramas e trajetórias, a paisagem do texto assumiu o controle da consciência leitora. Acorda, assustado o nosso leitor percebe que dormira. Foi levado ao fim do mundo, ao infinito. Foi levado ao fundo do ser.

A CARTOGRAFIA DA MENINA QUE GOSTAVA DE MAPAS E BOTÕES.

A Literatura, como as outras formas de olhar, voltou-se para o menos evidente. O observador prende-se às frestas, um sentido marcado pelo entreaberto. O romance de Jader Janer aproxima-se dos romances de Ítalo Calvino (1990), recria o estilo fabulário das histórias clássicas de aventuras, reeditam o viajante benjaminiano, um estrangeiro que narra através dos botões e categorias geográficas as histórias de terras distantes. Peixoto (2004) arregimenta que as recriações das fábulas dos viajantes é uma tentativa literária de devolver a paisagem à literatura.

O Colecionador de Botões e a Menina que Gostava de Mapas Remendados constrói os diálogos entre uma menina e um colecionador de botões. O narrador leva o leitor ao espaço geográfico em que as paisagens se dissolvem e amalgamam entre o telúrico e etéreo. O vento dobra as esquinas e entorta a cidade. As personagens humanas não possuem nomes próprios, apenas a menina e o botãooeiro (palavra inventada por Jader Janer para se referir ao colecionador de botões). As personagens e os espaços não estão claros, há uma ambientação oblíqua. As imagens são desproporcionais, turvas e ganham as escalas da irrealização.

Os diálogos balizam no uso das categorias geográficas e, a partir delas, olhamos o mundo. As escalas e os mapas misturam-se às personagens. Olhando através dos botões, a menina viaja pelas paisagens, sobrevoa os escombros da modernidade. Vê que os mapas, muitas vezes, são tecidos por histórias tristes.

As categorias geográficas permeiam o romance de Jader Janer, elas são usadas para construção de uma cartografia de mapas vivos. A textualidade poética possui um teor fenomenológico: a existência cartografa o mundo pela palavra. A menina vasculha, explora os lugares, guiada pelos conselhos de um botãoeiro, um viajante estrangeiro que carrega no seu alforje de histórias os mistérios da humanidade. O romance de Jader Janer é um sugestivo palavrear das aventuras geográficas. A cidade do romance *O Colecionador de Botões e a Menina que Gostava de Mapas Remendados* é insólita, ela não é grande e nem pequena. É marcada por sujeitos que chegam e vão embora. Ela é feita de fantasia, imaginação que guiam os signos do agir consciente. Os caminhos estreitos e gretas que exigem a atenção do apreciar o detalhe. É na pausa da caminhada observadora e distraída que olhamos o pó do tempo que cortina nas sombras de vãos e cantos.

A cartografia é uma palavra valiosa para os dicionários geográficos e os mapas são inventivos, misturam o traço livre da imaginação e o rigor da técnica. De figuras homéricas aos dados, quase sempre, precisos do Geoprocessamento e do Sensoriamento Remoto revelam a cartografia entranhada com a geografia e vice-versa. Ao longo da história da ciência moderna, juntamente com sua grande advogada, a técnica, a imaginação cartográfica tornou-se rigorosa com linhas invisíveis e esquemas lógicos. Desde o Renascimento, somos relegados da crença das figuras míticas, mas adoradores de linhas invisíveis e imaginárias, que existem apenas nos mapas.

A linguagem cartografa o mundo, tateia sentido consciente da matéria da vida. Reveste o presente com lembranças. Os rizomas que nos constituem são marcas discursivas que orientam a permanente construção da subjetividade. As vozes do passado perambulam sons e imagens, vagueiam tato, olfato e pensamento. Todos os sentidos trabalham concomitante para dar sentido consciente. A experiência humana invade o mundo em palavras, especializando nômades e sedentários. Signos, alegorias e símbolos intermediam o encontro de mundo e sua gente.

Em um dos diálogos, a menina pergunta ao botãoeiro se na loja havia bússola, então ele responde, Janer (2017. p, 36) :

__ Não, não tenho, gosto mais de olhar para o nascer do sol. Acho mais bonito! Ele nos orienta. Ele sempre me levará ao oriente. Suas cores aos nascer parecem as cores do caleidoscópio que construímos ontem. Quem se orienta pelo sol não se perde no mundo. É um horizonte inteiro para se ver.

O mapa, em *O Colecionador de Botões e a Menina que Gostava de Mapas Remendados*, é substancialmente constituído de palavras, portanto é linguagem viva e com peso de gente. A linguagem pescada no rio de signos, um caudaloso rio que carrega o fluxo da vida. Olhar é invadir o mundo com a linguagem; um exercício da consciência. Elas, as palavras, podem ser miúdas ou graúdas: o valor não está no tamanho do significante, mas no peso do significado. A constituição da linguagem é uma teia que arvorece entre nós e o mundo outro. Somos feitos de palavras, pausa, pontos e silêncio.

A cidade e suas ruas, a casa torta e a loja de botões são os signos paisagísticos que confeccionam o ecúmeno narrativo do romance. Há um deleite na desproporção das imagens, no olhar inventivo da criança e nos suaves conselhos de um vendedor de botões. A narração e os diálogos rompem com os contornos que separam personagens e espaços. Personagens estão grafados com o mundo. O mundo inscreve-se na imaginação, na consciência e no sonho. A palavra não somente forma o mundo, mas, também, deforma-o. Inventa-o para o outro.

TERRA E GENTE: O FIO DA FACA E A RELHA DO ARADO

Torto Arado, expressivamente premiado, reticula uma narrativa em três personagens. Nas duas primeiras partes Fio de Corte e Torto Arado, Belonísia e Bibiana, personagens autobiográficas, ancoram suas histórias no sertão do oeste baiano. A faca é o ente que atravessa as narrativas, a loucura sendo tratada nos rituais mágicos e as dores dos corpos femininos, no cotidiano rural. Na terceira parte, Rio de Sangue, o autor-personagem, narrador onisciente é um encantado, a Santa Rita Pescadeira (figura religiosa da religião do Jarê) elucida e esclarece as passagens que apresentaram imbricações nas narrativas de Bibiana e Belonisia.

Na perspectiva da metaficção historiográfica, o romance do Itamar Vieira funde ficção e acontecimentos “reais”. Conforme Linda Hutcheon (1991), os protagonistas são excêntricos, marginalizados, figuras periféricas da história ficcional; adota-se uma ideologia pós-moderna de pluralidade e reconhecimento da diferença; aproveita-se de verdades e de mentiras do registro histórico; incorporam-se detalhes, a fim de proporcionar uma sensação de verificabilidade ao mundo ficcional; alteram-se dados verificáveis na realidade empírica, em nome da crítica social; o narrador é ou declaradamente onipotente ou adota múltiplos pontos de vista; o modo de narrar é o da paródia intertextual; a representação do real não é idêntica ao próprio real; desvia a noção de sujeito (autor) para a ideia de produtividade textual.

Itamar Vieira escreve um poema épico. Vasculha as origens de um povo, personagens femininas narram, pela história dos seus corpos, a cartografia da religiosidade africana, o

misticismo das comunidades quilombolas, a cultura patriarcal e a luta pela terra. O romance ancora-se na presença do duplo, Bibiana e Belonisia, Crispina e Crispiniana são personagens que carregam a tensão gerada pelo reflexo. Irmãs separadas pelo fio da faca, irmãs separadas pela insanidade.

As paisagens da palavra têm uma dimensão telúrica, gente da terra, pés descalços e rachados sobre terras rachadas. A narrativa demarca-se na questão fundiária e nas lutas do povo quilombola. Paisagens e gente misturam-se, calam-se e insurgem, a faca que corta a língua é o arado que rasga a terra. Itamar Vieira corporifica nas labutas do sertão corpos negros femininos. *Torto Arado* é intento em defesa da ancestralidade. Narrar é o fermento da memória de um povo que luta contra as tentativas de apagamento cultural e expropriação. Pegamos emprestado a narração de Belonisia, Vieira (2019, p.59):

Cresci em meio às crenças de pai, de minha avó, e mais recentemente da minha mãe. Os objetos, os xaropes de raízes, as rezas, as brincadeiras, os encantados que domavam seus corpos, tudo era a paisagem do mundo em que crescíamos

A narrativa de *Torto Arado* é de um realismo nítido e sóbrio. As palavras não sobram, também não faltam. Tudo é proporcionalmente estável. É telúrico. As personagens caminham, sonham e lutam, mas o cimento simbólico da existência é o regresso e o permanente retorno. Avançar na leitura é o regressar narrativo. Na última parte, *O Rio de Sangue*, descortina pelo regresso ao corpo da misteriosa Donana, avó de Bibiana Belonisia.

A ancestralidade e o identitarismo são elementos que compõem a estilística de *Torto Arado*. O território torna-se sedimento a trama do romance. A luta pela terra, as questões quilombolas são formas (re)existência ao projeto hegemônico do desenvolvimento capitalista, dito eurocêntrico. O slogan é: o futuro é ancestral. O progresso não está substancialmente nas utopias iluministas ancoradas no indivíduo, mas essencialmente no passado mítico, constituidor e originário das comunidades. Parece que há um entendimento que estas narrativas sejam exímios movimentos de resistência à modernidade

CONCLUSÃO

Nos dois romances, há o intuito de uma arte engajada, como afirmou Sartre (2019), que busca a inegociável liberdade. O texto é sobretudo um ponto de ruptura e não meramente representação, carrega a vontade. Engravidada o leitor com desejo da liberdade e fantasia.

Escritor, leitor e texto situam-se no tempo e no espaço. Portanto, a liberdade não é uma ideia abstrata, é pensamento encarnado. Para Argan (2004), uma obra de arte é o futuro no presente, a arte é a resistência à cultura que a constitui.

A literatura é a via que primeiramente lida com o outro, é uma evocação da alteridade. Silva (2020, p. 364) elucida “A via literária é o primeiro modo de alteridade, de relacionar-se com o outro, com o que vem de fora. Era a literatura a viagem antes da viagem, ou seja, as relações entre o estrangeiro, o exterior e o vivido no local(...)”. É profícuo pensar as intertextualidades dos espaços reais e ficcionais e como eles dialogam.

Com narrativas bem distintas, são obras intercedidas pelas categorias geográficas. *Torto Arado* e *O Colecionador de Botões e a Menina que Gostava de Mapas Remendados*, de forma explícita ou implícita, são enredos marcados pela permanente observação geográfica. E supõe-se, também, que a emergência do interesse dos geógrafos pela escrita literária implicará em novas perspectivas epistemológicas para a ciência geográfica. Os geógrafos, munidos das categorias geográficas, trazem novas dimensões estéticas aos espaços romanescos, emerge uma geofricidade narrativa.

BIBLIOGRAFIA

BAKHITIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6ª edição. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BERQUE, Augustin. **Geogramas, por uma ontologia dos fatos geográficos**. In: Geofricidade, v.2, n.1 – Niterói-Rj, 2012.

DARDEL, Eric. **O Homem e Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werter Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio da relação do corpo com o espírito**. Tradução Paulo Neves. 4ª edição. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução Diogo Mainardi. 18ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1990

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos**. In: Revista Geofricidade, V. 5. N1 – Niterói-RJ, 2015.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.



LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas**. 3ª edição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução Carlos Felipe Moisés. Petrópolis: Vozes, 2019.

SILVA, Valéria Cristina Pereira da. **Espaço e literatura na paisagem cultural**: referências francesas nas cidades de Goiás e Goiânia no início do século XX. In: Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 31, p. 360 - 376, Ano 2020. <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/10991/pdf>.

SUZUKI, Júlio César. **Geografia e Literatura**: abordagens e enfoques contemporâneos. In: Revista do Centro de Pesquisa e Formação SescSP. Nº 5. p. 129-147. São Paulo, 2017. <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e284cc.pdf>

VIEIRA, Itamar Jr. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019